

## Os desafios da vivência do aleitamento materno exclusivo e sua influência no desmame precoce

Brenda Machado Siqueira<sup>1</sup>; Geovana Fernanda Silva<sup>1</sup>; Isabella de Oliveira e Castro<sup>1</sup>; Izadora Sant'ana Barrozo de Siqueira<sup>1</sup>; Pedro Henrique Rodrigues de Carvalho<sup>1</sup>; Cristiana Marinho de Jesus França<sup>2</sup>.

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.
2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

**RESUMO:** O aleitamento materno é visto como a única forma natural de nutrir os recém-nascidos, sendo sua prática aconselhada como exclusiva nos primeiros seis meses de vida da criança e continuado, de forma complementar, pelo menos, até dois anos de idade. No entanto, embora os benefícios da amamentação sejam bem evidenciados na literatura, ainda persistem dificuldades enfrentadas pelas nutrizes e que podem culminar no desmame precoce, caracterizando impasses que englobam desde os aspectos socioeconômicos até os comportamentais. Isso posto, o presente estudo tem como objetivo norteador analisar e sintetizar os principais desafios da vivência do aleitamento materno exclusivo que culminam no desmame precoce. Assim sendo, trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual a metodologia se baseou na busca bibliográfica de artigos nos seguintes bancos de dados eletrônicos: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, sendo que para direcionar a pesquisa foram aplicados os descritores e operadores booleanos: “Aleitamento materno” AND “desafios” AND “saúde materno-infantil” AND “qualidade de vida” AND “promoção da saúde” AND “Banco de leite”. Desse modo, a apuração foi realizada segundo critérios de inclusão e exclusão predeterminados, permanecendo 20 estudos de relevância para o tema. Diante da análise das amostras, os resultados foram estruturados em cinco categorias mediante a relação feita dos obstáculos do aleitamento e o desmame precoce: Conhecimento das lactantes sobre o aleitamento materno; Fatores preditores para interrupção do aleitamento materno exclusivo; Experiências vivenciadas pelas nutrizes no processo de amamentação; Fatores demográficos associados ao aleitamento materno. Por fim, verificou-se a existência de uma complexa rede de fatores adversos ao aleitamento materno, evidenciando a importância de profissionais da saúde capacitados para o reconhecimento, intervenção e amparo das mulheres, a fim de garantir, dessa forma, a adesão e continuidade da amamentação, impactando positivamente na saúde materno-infantil.

**Palavras-chave:**  
Aleitamento Materno. Desafios. Desmame precoce. Saúde materno-infantil.

### INTRODUÇÃO

O aleitamento materno infantil é visto como a única forma natural de nutrir os recém-nascidos, segundo Urbanetto *et al.* (2018), e, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e com Ministério da Saúde do Brasil (MS), é um ato que deve ser exclusivo nos seis primeiros meses de vida

da criança e continuado, de forma complementar, pelo menos, até os dois anos de idade, como constam Barbosa *et al.* (2018).

A amamentação exclusiva do leite materno proporciona benefícios imunológicos e nutricionais para a saúde do bebê, desde que não haja uso de suplementos, como chá e água, e a oferta de outros alimentos, segundo o MS. Porém, caso a introdução de alimentos e líquidos seja feita fora do período recomendado – antes dos seis primeiros meses de vida –, Maciel *et al.* (2013) alertam para possíveis prejuízos para a saúde da criança, como alterações nas funções de mastigar, deglutir, respirar, articular os sons da fala e no desenvolvimento motor-oral.

Nesse sentido, segundo Saco *et al.* (2019), é de grande importância que o aleitamento se inicie nos primeiros dias de vida, garantindo o contato pele a pele entre mãe e recém-nascido. Isso porque há evidências de que essa prática tem efeitos positivos sobre a própria amamentação, favorecendo, ainda, a colonização da pele do recém-nascido proveniente da mãe, o melhor controle da glicose sanguínea do neonato, o controle da temperatura corporal, a estabilização do sistema cardiovascular e a menor perda de peso, por exemplo.

Ademais, de acordo com Maciel *et al.* (2013), o aleitamento materno exclusivo (AME) e prolongado é capaz de proteger a criança contra diversas infecções respiratórias graves e gastrointestinais, além de proporcionar, conforme citado por Urbanetto (2018), melhores índices de acuidade visual, desenvolvimento psiconeuromotor e cognitivo e, principalmente, diminuição na taxa de mortalidade infantil. Já em relação aos benefícios do aleitamento para a mulher, destaca-se a diminuição no risco em desenvolver câncer de mama para aquelas que iniciam precocemente a amamentação e a mantém por período prolongado.

Embora os benefícios da amamentação materna exclusiva sejam bem evidenciados pela literatura científica, ainda persistem as dificuldades enfrentadas por muitas nutrizes e que podem culminar no desmame precoce, como a pouca produção de leite, os traumas mamilares e o retorno ao trabalho (ALENCAR *et al.*, 2017). Outrossim, segundo Gomes *et al.* (2020), outras adversidades encontradas são enfermidades das nutrizes que impedem o aleitamento, a transição precoce para a alimentação complementar, o nível socioeconômico e fatores psicológicos da mãe, e o tempo de licença maternidade, reforçando o impacto do retorno ao trabalho. Somadas a essas dificuldades, Nelas *et al.* (2017) ainda citam as variáveis sociodemográficas, como mulheres com baixo nível de escolaridade, residentes da zona urbana e com empregos em tempo integral, além de problemas relacionados a própria mama, como fissuras mamilares, ingurgitamento mamário, mastite e dificuldades com a posição e pega adequados.

Além das adversidades de ordem física, psíquica e sociodemográfica, Oliveira *et al.* (2015) ainda citam, diante das alegações maternas mais frequentes a respeito da não adoção do AME, que a inexperiência associada a carência de informações quanto à amamentação se relacionam, de forma direta

ou não, com a insegurança materna em aderir somente o leite materno como alimento, fato que culmina na adoção de leites artificiais, proporcionando, enfim, a satisfação da mulher em alimentar seu filho.

Assim, reiterando a alegação de Oliveira *et al.* (2015), o MS afirma que, com o objetivo de que o hábito do aleitamento materno exclusivo seja duradouro, a mulher deve ser orientada a respeito de recomendações essenciais sobre a amamentação. Dentre as principais informações, destaca-se a necessidade de demonstrar que o colostro - leite produzido nos primeiros dias pós-parto - apresenta importância significativa para a nutrição do recém-nascido, pelo fato de conter proteínas essenciais, e de que a quantidade de leite produzida é suficiente para criança e, por isso, não é necessário utilizar suplementação.

Assim, a partir de uma revisão integrativa da literatura, o estudo em questão foi elaborado de acordo com a pergunta norteadora: “Quais os desafios da vivência do aleitamento materno exclusivo e sua influência no desmame precoce?”. Dessa maneira, visou-se reconhecer os principais entraves no processo de amamentação, para que os profissionais de saúde possam reconhecer esses problemas e intervir o mais precocemente possível, com o intuito de promover a adesão e a continuidade do aleitamento materno, que coincide com a prevenção de intercorrências, doenças e outras possíveis adversidades maternas e infantis como consequência da falta do AME. Nesse sentido, a presente revisão tem como objetivo analisar os obstáculos impostos à mulher durante a prática do aleitamento materno exclusivo que culminam no desmame precoce.

## **METODOLOGIA**

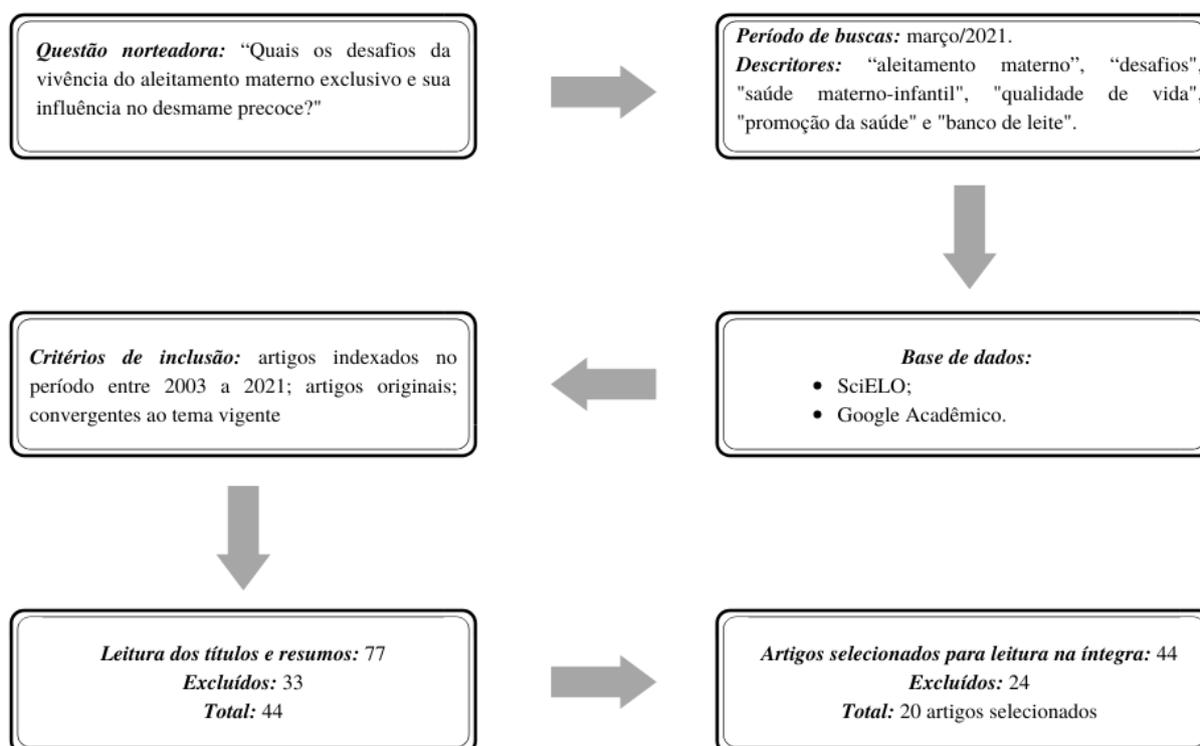
O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, a qual teve sua fundamentação baseada na reunião, síntese e análise dos resultados de pesquisas empíricas já existentes sobre a temática escolhida. Assim sendo, para a estruturação do trabalho, cumpriram-se as seguintes etapas: identificação do tema, elaboração do questionamento central, definição dos objetivos (geral e específicos), busca nos bancos de dados eletrônicos, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, seleção das amostras, avaliação dos resultados e, por fim, análise e apresentação das evidências obtidas.

A busca bibliográfica, por sua vez, foi realizada em março de 2021 e desenvolvida por meio dos seguintes bancos de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. Desse modo, para direcionar a investigação dos artigos, foram aplicados descritores selecionados a partir da consulta aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em conjunto dos operadores booleanos: “aleitamento materno” AND “desafios” AND “saúde materno-infantil” AND “qualidade de vida” AND “promoção da saúde” AND “banco de leite”.

Nesse segmento, mediante a leitura dos títulos e resumos foram escolhidas 77 publicações, das quais foram excluídas 33, restando 44 artigos para uma leitura na íntegra (Figura 1). Dessa forma, a fim de refinar a amostragem, foram empregados alguns parâmetros para a escolha final. Portanto, definiu-se como critérios de inclusão: artigos indexados no período entre 2003 a 2021, priorizando artigos originais e convergentes ao tema vigente. Ademais, para os critérios de exclusão estipulou-se: artigos categorizados como revisão de literatura, publicações que não se encaixavam no recorte temporal predeterminado e estudos com tangência à pergunta de pesquisa estabelecida inicialmente. À vista disso, persistiram 20 artigos.

Logo, para o delineamento da pesquisa, a análise dos estudos apurados pautou-se na compreensão de que a amamentação, embora possua evidentes benefícios para a saúde materno-infantil, ainda possui diversos obstáculos para a completude de sua prática. Por isso, a correlação e interpretação das informações foram realizadas de modo qualitativo, as quais foram organizadas, posteriormente, em um quadro sintético – contendo autor, ano de publicação, título, metodologia, objetivos e resultados principais –, com o intuito de reunir os conhecimentos factuais e demonstrar a conexão ou dissonância entre eles.

**Figura 1.** Fluxograma da seleção amostral dos estudos inclusos na revisão integrativa da literatura.



**Fonte:** elaborado pelos autores.

## RESULTADOS

Para compor a presente revisão integrativa foram selecionados 20 artigos, sendo 13 (65%) obtidos no banco de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO) e 7 (35%) do Google Acadêmico. A partir disso, os estudos foram analisados na íntegra e com o intuito de atingir o objetivo norteador, os resultados foram estruturados em cinco categorias: (1) Conhecimento das lactantes sobre o aleitamento materno; (2) Fatores preditores para a interrupção do aleitamento materno exclusivo; (3) Experiências vivenciadas pelas nutrizes no processo de amamentação; (4) Fatores sociodemográficos relacionados ao aleitamento materno.

Título, ano e autor	Metodologia	Categoria	Principais resultados
Aleitamento materno exclusivo de prematuros e motivos para sua interrupção no primeiro mês pós-alta hospitalar.  LIMA, A. P. E. <i>et al.</i> , 2019	Estudo transversal.	2 e 4	A prevalência do aleitamento materno exclusivo na alta hospitalar foi de 85,2%, sendo a principal alegação para introdução de outros alimentos e/ou líquidos foi o leite insuficiente.
Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrizes.  AMARAL, L. J. X., 2015	Pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa.	1 e 2	Observou-se pouco conhecimento das nutrizes em relação ao vínculo afetivo do binômio, à vantagem econômica com alimentação e ao risco de hemorragias no pós-parto; além disso, crença na produção insuficiente de leite, dificuldade de pega da mama e intercorrências mamárias foram bastante citadas.
Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas.  BARBOSA, G. E. F., <i>et al.</i> , 2017	Estudo transversal.	1, 2, 3 e 4	As principais dificuldades a amamentação foram a pega inadequada e intercorrências mamárias. Além disso, os fatores sociodemográficos identificados incluem: mãe adolescente, baixa escolaridade, trabalho materno e introdução de alimentação complementar na maternidade.
Conhecimento de gestantes e lactantes sobre aleitamento materno exclusivo.  MACIEL, A. P. P., <i>et al.</i> , 2013	Estudo descritivo e quantitativo.	1 e 4	Grande parte das mulheres entrevistadas eram gestantes, com média de 24 anos de idade e trabalhavam como domésticas. A maioria soube conceituar adequadamente aleitamento materno exclusivo e menos da metade sabia da contribuição para o aumento do vínculo mãe-bebê.
Dificuldades maternas no processo de aleitamento materno de prematuros em uma UTI neonatal.  SERRA, S. O. A.; SCOCHI, C. G. S., <i>et al.</i> , 2004	Estudo descritivo, exploratório, inserido na abordagem qualitativa.	2	Possui como resultado cinco subtemas que se materializam nas dificuldades frente o aleitamento: mantendo a produção láctea materna através da ordenha, enfrentando desconforto durante permanência na UTIN, convivendo com as condutas médicas alimentares para prematuros, enfrentando a fragilidade do prematuro e o ambiente da UTIN e precisando de apoio logístico para amamentar.

Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce.  OLIVEIRA, C. S., <i>et al.</i> , 2015	Pesquisa do tipo descritiva-exploratória.	4	O estudo apontou que, ao final dos seis meses da criança, apenas 19,1% das crianças ainda estavam em aleitamento materno exclusivo. As principais alegações para essa interrupção precoce foram: falta de conhecimento, falta de experiência, complicações puerperais, Intervenção familiar, leite insuficiente e trabalho materno.
Identificação de dificuldades no início do aleitamento materno mediante aplicação de protocolo.  CARVALHAES, M. A. B. L.; CÔRREA, C. R. H., 2003	Estudo transversal e descritivo.	2	Apresentou-se como resultado os problemas mais encontrados frente ao aleitamento. Sendo eles: má posição corporal da mãe e do bebê durante a mamada e a inadequação da interação mãe/neonato, sendo mais frequentes quando o parto foi cirúrgico.
Fatores relacionados às dificuldades no aleitamento materno entre mães adolescentes da fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.  MARQUES, R. F. S. V., <i>et al.</i> , 2008	Estudo transversal.	2	O estudo resultou em uma porcentagem de 41,7% das mães que apresentaram dificuldades frente ao aleitamento, sendo a principal a pega/posição do recém-nascido, correlacionado com a idade e grau de escolaridade.
Principais causas do desmame precoce em uma estratégia de saúde da família.  ALENCAR, A. P. A., <i>et al.</i> , 2017	Estudo e abordagem qualitativa de caráter descritivo.	4	Obteve-se como resultado que a idade das mães variou entre 16 e 39 anos, com predominância das que tinham entre 20 e 29 anos de idade. Identificou-se que a maior parte delas tem segundo grau incompleto e renda mensal familiar de 1 a 2 salários mínimos.
Incidência da prática do aleitamento materno exclusivo.  BATISTA, H. R.; ANDRADE, E. G. S., 2018	Estudo de campo com abordagem descritiva analítico com o modo quantitativo.	1, 2 e 4	Os resultados obtidos foram que 80% das entrevistadas relataram não ter conhecimento sobre o AME, apenas 20% tinham conhecimento de que a mãe também se beneficia com a amamentação, 80% não sabia que a amamentação ajuda na recuperação mais rápida no pós-parto e 84% não sabiam que problemas como alterações morfológicas da boca podem diminuir com a amamentação.
Fatores que levam ao desmame precoce do aleitamento materno.  GOMES, R. P., <i>et al.</i> , 2020	Estudo de campo descritivo com abordagem qualitativa.	2, 3 e 4	O estudo conclui que a família influencia no bom desempenho da mãe ao amamentar, quando demonstra apoio, e que o parto vaginal o que resulta em maior período de adesão ao AME. Além disso, demonstrou-se que uma melhor situação econômica está relacionada com maior tempo de aleitamento.
Contato pele a pele e mamada precoce: fatores associados e influência no aleitamento materno exclusivo.  SACO, M. C., <i>et al.</i> , 2019	Estudo transversal retrospectivo.	3 e 4	Constatou-se que 50,4% das mães tinham ensino médio completo/incompleto, 80,2% possuíam relação conjugal, 59,4% trabalhavam fora do lar, 54,2% não tinham experiência anterior em amamentar e 50,2% tiveram parto cesáreo. Identificou-se ainda que 62,8% delas afirmaram não terem tido o contato pele a pele com

			aleitamento materno precoce e 75% mantiveram o AME nos primeiros 30 dias após o parto.
Banco de leite humano: Mulheres com dificuldades na lactação. FERREIRA, A. P. M., <i>et al.</i> , 2020	Estudo documental, retrospectivo, com abordagem quantitativa.	1 e 2	O estudo realizado concluiu que as principais dificuldades de amamentação são: pega (57,19%), fissura mamilar (32,88%), confusão de bicos (23,63%), insegurança materna (22,26%) e ingurgitamento mamário (20,89%).
Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce. ROCCI, E.; FERNANDES, A. Q., 2014	Estudo de coorte.	2 e 4	Como resultado, foi encontrada uma relação estatisticamente significativa entre o tempo de AME e dificuldades na amamentação, além disso, se relacionou essas dificuldades com o perfil sociodemográfico.
Aleitamento materno exclusivo: Adesão e dificuldades. FREITAS; M. G. F., <i>et al.</i> , 2018	Estudo observacional e quantitativo.	2 e 3	A conclusão é que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o percentual de aleitamento materno nos primeiros seis meses de vida é de 23,53%. As dificuldades mais evidentes são o leite insuficiente (32,93%) e a introdução de suplementos (24,39%).
Fatores associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo em lactentes com até 30 dias. MORAES, B. A., <i>et al.</i> , 2016	Estudo observacional, quantitativo e transversal.	1, 2 e 3	O estudo mostrou que a incidência de AME é de 79,5%. Lactentes $\geq 21$ dias de idade que receberam suplementação láctea no hospital, mães com dificuldades para amamentar após a alta hospitalar e mães não brancas estão relacionados à interrupção do AME.
Dificuldades na amamentação no primeiro mês de vida: impacto dos contextos de vida. NELAS, P., <i>et al.</i> , 2017	Estudo quantitativo, descritivo e correlacional.	1, 2, 3 e 4	Verificou-se que a maior parte das mulheres são casadas, com escolaridade abaixo do nível superior, empregadas integralmente e residentes na zona urbana. Entre as dificuldades encontradas, foram elencadas: fissuras (77,5%), ingurgitamento mamário (66,7%), mastite (63,6%), dificuldades com a pega (82,4) e posição e postura para amamentar (50,0%).
Facilidades e dificuldades encontradas pelas puérperas para amamentar. URBANETTO, P. D. G., <i>et al.</i> , 2018	Pesquisa descritiva, exploratória, de cunho qualitativo.	2	Constatou-se que o vínculo estabelecido entre mãe e filho, a afetividade, a pega correta, a boa produção de leite e a praticidade para amamentar são considerados aspectos facilitadores para a amamentação. Entretanto, as dificuldades encontradas são: necessidade de retornar ao trabalho, dores e fissuras de mamas, demora na descida do leite, desconforto, ingurgitamento e rejeição da mama pelo bebê.
Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. BARBOSA, G. E. F., <i>et al.</i> , 2018	Estudo prospectivo, observacional e analítico.	2 e 4	O estudo em questão se baseou no acompanhamento de 175 binômios e, dessa forma, percebeu-se que os fatores associados à interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo antes dos seis meses são: problemas de mamas na maternidade, o trabalho materno fora de casa e o baixo nível de escolaridade da mãe.

			Como fator de proteção, elencou-se a renda menor que um salário mínimo.
Dificuldades relacionadas ao aleitamento materno: análise de um serviço especializado em amamentação.  CARREIRO, J. A., et al., 2018	Estudo transversal retrospectivo.	2	Apurou-se que 72,6% das mulheres em questão, nos 30 dias pós-parto, praticaram aleitamento materno exclusivo, o qual se associa às dificuldades encontradas, como a percepção materna da quantidade de leite produzida, mamas cheias, vazamento de leite, além das variáveis, a exemplo de maior grau de escolaridade, relacionamento conjugal estável, experiência prévia com a amamentação entre outros.

## DISCUSSÃO

Como consenso científico, o leite materno é o principal meio alimentar para o lactente e a melhor estratégia para a proteção e promoção da saúde materno-infantil (SALUSTIANO *et al.*, 2011). Nesse sentido, o positivo crescimento e desenvolvimento da criança, somado aos menores índices de hospitalizações na infância e da aquisição de comorbidades na vida adulta são fatores diretamente associados às propriedades nutricionais e imunológicas oferecidas pelo leite materno (LIMA *et al.*, 2019).

Ademais, tem-se a compreensão de que a amamentação natural tem influências biológicas e emocionais para o binômio mãe-bebê e que, ainda, permite o fortalecimento do vínculo e do afeto entre os dois (SALUSTIANO *et al.*, 2011; LIMA *et al.*; 2019). No entanto, o desmame precoce antes dos seis meses ainda é frequente e se apresenta como uma prática multifatorial (BARBOSA *et al.*, 2017). Por esse motivo, é preciso compreender os aspectos que envolvem essa conduta para que haja consolidação e direcionamento das ações de apoio ao aleitamento materno com consequente aumento e melhoria das suas taxas (FERNANDES; ROCCI, 2014).

Dessa maneira, ao se analisar os fatores sociodemográficos, observa-se que as principais causas estão relacionadas com: menor escolaridade materna, residência em municípios que não possuem Hospital Amigo da Criança, primiparidade, desestruturação familiar, acesso deficiente à informação, inserção no mercado de trabalho e idade materna inferior a vinte anos (PEDROSO *et al.*, 2004).

Paralelamente, os estudos demonstraram que a idade materna contida entre a faixa etária de 20 e 34 anos teve certa prevalência, sendo sua escolaridade de 9 a 11 anos, possuindo renda de 2 a 2,9 salários mínimos. Além do mais, quando a mediana do aleitamento materno foi relacionada às variáveis sociodemográficas, chegou-se à conclusão de que mães adolescentes, com 5 a 11 anos de estudos, com profissões de nível técnico ou desempregada e sem companheiro fixo, materializaram-se como grupos de risco para o desmame precoce do aleitamento materno (BERNARDI; JORDÃO; BARROS FILHO, 2009).

Frente a isso, as pesquisas apontam que as mulheres possuem uma percepção empírica a respeito da amamentação, estando intimamente relacionada ao discurso biomédico e tecnicista que resume a vantagem da amamentação à prevenção de doenças (MORAES *et al.*, 2014; AMARAL *et al.*, 2015). Desse modo, segundo o estudo descritivo de Maciel *et al.* (2013), constatou-se que cerca de 55,6% das gestantes e lactantes entrevistadas souberam definir corretamente o aleitamento materno exclusivo e 60% afirmaram a duração correta de seis meses. Porém, é necessário considerar que 52,9% das mulheres relataram ter, no máximo, apenas três atendimentos durante toda a gestação, fato que gera grandes impactos futuros para a mãe e para o filho. Assim, para Moraes *et al.* (2016), há uma relação inversamente proporcional, sendo que, quanto menor o nível de instrução materna, maior será o indicativo de desmame precoce.

Nessa perspectiva, sabe-se que a pouca compreensão das mulheres a cerca da amamentação é oriunda de valores, crenças e tradições. Mas, para além disso, é importante apontar que, segundo Moimaz *et al.* (2017), os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) não se sentem habilitados à orientarem as mães sobre o aleitamento materno, o que atesta uma grande lacuna e carência de comportamentos científicos para a execução dessa técnica. De maneira complementar, Ferreira *et al.* (2020) demonstram uma ligação direta entre a falta de informação dos profissionais de saúde com a diminuição do tempo da amamentação natural e exclusiva, pois aproximadamente 40% das mulheres incluídas no estudo não receberam as devidas prescrições durante o pré-natal e puerpério.

Como consequência disso, no contexto brasileiro, diversos fatores preditam a interrupção do aleitamento exclusivo, sendo os mais citados: falta de leite (27, 1%); não aceitação da criança (21, 6%); trabalho da mãe (18,9%); “leite fraco” (16,2%); comorbidades da mãe ou da criança (8,1%) (ROCHA *et al.*, 2013). Seguindo essa concepção, Lima *et al.* (2019), categorizaram algumas alegações maternas para a inserção de outros alimentos na dieta do neonato aos 15 e aos 30 dias pós-alta hospitalar em: causas culturais/educacionais, causas sociais e causas biológicas. Com isso, as condições mais declaradas foram: a necessidade de água (18,8%), crença no benefício do chá (25,0%) e leite insuficiente/secou (31,3%).

Ademais, foram verificados que os maiores obstáculos durante a amamentação foram a pega/posição inadequada, fissuras mamilares, mamilo plano/invertido, ingurgitamento mamário e a complementação de fórmulas industrializadas pelo médico pediatra (SEERA, S. e SCOCHI, C., 2004; MARQUES *et al.*, 2008; MOIMAZ *et al.*, 2017). Tratando-se da realidade europeia, Nelas *et al.* (2017) evidenciaram que, em Portugal, o Plano Nacional de Saúde estimula a prática do aleitamento, considerando-o um critério de qualidade da saúde perinatal. No entanto, ainda que haja apoio e recomendação, também foram observadas elevadas taxas de interrupção precoce, com 55-64% amamentando até os 3 meses e 34% até os 6 meses.

Outro aspecto digno de nota é a interrupção da amamentação para o retorno ao trabalho. No Brasil, o período de licença-maternidade dura 120 dias (cerca de quatro meses) e, de forma

contrastante, o aleitamento materno exclusivo é preconizado durante seis meses pela Organização Mundial de Saúde. Logo, existe uma grande lacuna e paradoxo no que diz respeito às políticas públicas e as práticas de promoção à saúde, tendo em vista a mulher precisa estar disponível para amamentar a criança sob livre demanda. Por isso, tem-se associado os casos de dupla jornada materna com o favorecimento do desmame precoce, uma vez que as mães não são instruídas a ordenharem seu leite da forma adequada para fornecê-lo ao bebê durante sua ausência e acabam optando pela introdução da chupeta que mascaram os desafios, a ansiedade, estresse ou insegurança frente ao processo alimentar (SOUZA *et al.*, 2011; ROCHA *et al.*, 2013; DELMITTO *et al.*, 2013).

Isso posto, fica claro que uma experiência bem-sucedida leva a lactante a amamentar com facilidade e tranquilidade, estando mais encorajada a manter o aleitamento materno de modo duradouro e exclusivo (AMARAL *et al.*, 2015). Dessa forma, para Rocha *et al.* (2013), mesmo o aleitamento se caracterizando como uma atitude fisiológica e instintiva, é preciso um amplo suporte técnico e emocional destinado à mulher, permitindo que ela conheça a técnica adequada da amamentação e tenha autoconfiança na sua figura materna, o que proporciona a continuidade e maior duração desse procedimento. Outrossim, Gomes *et al.* (2020) ainda reforçam a importância do apoio da família, visto que essa rede social permite o incentivo, a assistência no cuidado, o amparo na tomada de decisões e a concretização dos laços, minimizando, portanto, as demandas do período puberal.

## CONCLUSÃO

A partir do estudo em questão, foi possível observar que uma parcela significativa das lactantes não possui devido conhecimento sobre as questões que envolvem o aleitamento materno: período de amamentação exclusiva e benefícios para a saúde do binômio mãe-filho, como prevenção de problemas relacionados à mama e diminuição da morbimortalidade infantil. Outro ponto importante se relaciona com os fatores preditores para a interrupção do aleitamento materno exclusivo, como lesões e infecções mamárias frequentes, falsa produção de pouco leite, inserção de alimentos complementares na tentativa de promover ganho de peso na criança e a volta ao trabalho interrompendo o AME antes do período recomendado.

A vivência das nutrizes em relação à amamentação revelou alguns fatores que dificultam o início e a continuidade do AME, a exemplo da falta de experiência anterior das mães e de apoio familiar. Verificou-se que os fatores sociodemográficos também interferem na amamentação, dentre eles destaca-se o grau de escolaridade, profissão, idade, local de residência e condição econômica dos pais.

Conclui-se que a falta de apoio às nutrizes no quesito amamentação, em seus diversos âmbitos, prejudica o AME e, conseqüentemente, a saúde da mãe e da criança. Embora haja lacunas na preparação científica da equipe de saúde, verificou-se que uma adequada assistência por parte dos profissionais mostrou grande relevância no incentivo às nutrizes para iniciar e persistir com o AME,

fornecendo instruções e apoio emocional durante a gestação, parto, pós-parto e puerpério, que é uma conduta preconizada pela Iniciativa Hospital Amigo da Criança, criada pela OMS e pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Essas estratégias devem ser incentivadas, pois ajudam as mães a terem melhores experiências com a amamentação, resultando em maior adesão e diminuição do desmame precoce.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, A. P. A., *et al.* Principais causas do desmame precoce em uma estratégia de saúde da família. **Saúde e Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar**, v. 6, n. 2, p. 65-76, 2017.
- AMARAL, L. J. X., *et al.* Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrizes. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 1, p. 127-134, 2015.
- ASSIS, E. L. A., *et al.* Dificuldades enfrentadas por puérperas primíparas durante o aleitamento materno exclusivo. **Revista Eletrônica de Gestão e Saúde**, v. 5, n. 3, p. 808-819, 2014.
- BARBOSA, G. E. F., *et al.* Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 35, n. 3, p. 265-272, 2017.
- BARBOSA, G. E. F., *et al.* Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 18, n. 3, p. 527-537, 2018.
- BATISTA, H. R.; ANDRADE, E. G. S. Incidência da prática do aleitamento materno exclusivo. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. 2, p. 202-209, 2018.
- BERNARDI, J.; JORDÃO, R.; BARROS FILHO, A. Fatores associados à duração mediana do aleitamento materno em lactentes nascidos em município do estado de São Paulo. **Revista de Nutrição**, v. 22, n. 6, p. 867-878, 2009.
- Brasil. Ministério da Saúde. **Dez passos para uma alimentação saudável**. Guia alimentar para crianças menores de dois anos. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- CARREIRO, J. A., *et al.* Dificuldades relacionadas ao aleitamento materno: análise de um serviço especializado em amamentação. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 31, n. 4, p. 430-438, 2018.
- CARVALHAES, M. A. B. L.; CÔRREA, C. R. H. Identificação de dificuldades no início do aleitamento materno mediante aplicação de protocolo. **Jornal de Pediatria**, v. 79, n. 1, p. 13-20, 2003.
- DEMITTO, M. O.; BERCINI, L. O.; ROSSI, R. M. Uso de chupeta e aleitamento materno exclusivo. **Escola Anna Nery online**, v. 13, n. 2, p. 271-276, 2013.
- FERREIRA, A. P. M., *et al.* Banco de leite humano: mulheres com dificuldades na lactação. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 25, n. 65699, p. 1-13, 2020.
- FREITAS; M. G. F., *et al.* Aleitamento materno exclusivo: adesão e dificuldades. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, v. 12, n. 9, p. 2301-2307, 2018.
- GOMES, R. P., *et al.* Fatores que levam ao desmame precoce do aleitamento materno. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 100688-100700, 2020.

- HENRIQUES, S. N.; MARTINS, R. M. L. Aleitamento materno: o porquê do abandono. **Revista Millenium**, v. 40, n. 1, p. 39-51, 2011.
- LIMA, A. P. E., *et al.* Aleitamento materno exclusivo de prematuros e motivos para sua interrupção no primeiro mês de vida pós-alta hospitalar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, n. 1, p. 1-8, 2019.
- MACIEL, A. P. P., *et al.* Conhecimento de gestantes e lactantes sobre aleitamento materno exclusivo. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 26, n. 3, p. 311-317, 2013.
- MARQUES, R. F. S. V., *et al.* Fatores relacionados às dificuldades no aleitamento materno entre mães adolescentes da fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. **Revista Paraense de Medicina**, v. 22, n. 1, p. 57-62, 2008.
- MOIMAZ, S. A. S., *et al.* Agentes comunitários de saúde e o aleitamento materno: desafios relacionados ao conteúdo e à prática. **Revista CEFAC**, v. 19, n. 2, p. 198-212, 2017.
- MORAES, B. A., *et al.* Fatores associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo em lactentes com até 30 dias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 1, p. 1-10, 2016.
- MORAES, J. T., *et al.* A percepção da nutriz frente aos fatores que levam ao desmame precoce em uma Unidade Básica de Saúde de Divinópolis/MG. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 4, n. 1, p. 971-982, 2014.
- NELAS, P., *et al.* Dificuldades na amamentação no primeiro mês de vida: impactos dos contextos de vida. **Revista INFAD de Psicologia**, v. 3, n. 1, 2017.
- OLIVEIRA, C. S., *et al.* Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 1, p. 16-23, 2015.
- PEDROSO, G., *et al.* Prevalência de aleitamento materno e introdução precoce de suplementos alimentares em área urbana do Sudeste do Brasil, Embu, SP. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 4, n. 1, p. 45-58, 2004.
- ROCHA, N. B., *et al.* Estudo longitudinal sobre a prática de aleitamento materno e fatores associados ao desmame precoce. **Associação de Apoio à Pesquisa em Saúde Bucal**, v. 13, n. 4, p. 337-342, 2013.
- ROCCI, E.; FERNANDES, A. Q. Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 1, p. 22-27, 2014.
- SACO, M. C., *et al.* Contato pele a pele e mamada precoce: fatores associados e influência no aleitamento materno exclusivo. **Revista Texto e Contexto Enfermagem**, v. 28, n. 20180260, p. 1-12, 2019.
- SALUSTIANO, L. P. Q., *et al.* Fatores associados à duração do aleitamento materno em crianças menores de seis meses. **Revista Brasileira de Ginecologia**, v. 34, n. 1, p. 28-33, 2012.
- SERRA, S. O. A.; SCOCHI, C. G. S. Dificuldades maternas no processo de aleitamento materno de prematuros em uma UTI neonatal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 597-605, 2004.
- SOUZA, N. K. T., *et al.* Aspectos envolvidos na interrupção do aleitamento materno exclusivo. **Revista ESCS Brasília**, v. 22, n. 4, p. 231-238, 2011.

URBANETTO, P. D. G., *et al.* Facilidades e dificuldades encontradas pelas puérperas para amamentar. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 2, p. 399-405, 2018.